

A RACIONALIDADE TRÁGICA ATRAVÉS DA FIGURA DE ANTÍGONA NA OBRA ANTÍGONA DE SÓFOCLES

Elisa Costa B. de Carvalho(UERJ)

Resumo: Antígona, a heroína/mártir da mais bela e significativa obra de Sófocles; a filha/irmã de Édipo e filha/neta de Jocasta; a defensora do princípio feminino e de seu gênero; a transgressora das leis do Estado em detrimento das inalienáveis leis divinas.

Destarte, o presente trabalho pretende analisar esta figura ambígua que se tornou sinônimo de altivez, coragem, justiça e humanidade, e que, no entanto, tornou-se vítima de sua própria paixão desmedida.

Palavras-chave: justiça; paixão; morte; redenção

Antígona, é considerada uma das peças mais antigas, se não a mais antiga, de Sófocles. A data de sua apresentação é incerta, variando entre os anos de 442 a C a 440 a C.

Antígona pertence ao genos dos Labdácidas, seu pai Édipo matou seu próprio pai, Laios, sem saber, casou-se com a própria mãe Jocasta, assumindo assim o trono de Tebas. Dessa união nasceram quatro filhos – Etéocles, Polínices, Antígona e Ismênia.

Desta forma, Édipo cometeu duas faltas graves, quais sejam, o parricídio e o incesto “involuntários”, que ao serem revelados provocaram o suicídio de Jocasta e a cegueira de Édipo.

Cego, Édipo foi expulso de Tebas pelos próprios filhos, Etéocles e Polínices, que disputavam o trono da cidade. Após perambular pela Grécia como mendigo, guiado por sua filha Antígona, chegou finalmente às imediações de um bosque em Colono, onde permaneceu até sumir misteriosamente em direção às profundezas da terra. Antes porém, lança uma maldição sobre seus dois filhos varões, que perecerão às mãos um do outro, no cerco de Tebas, levado a efeito por Polínices e seus seis aliados.

Em relação ao cerco de Tebas, a peça *Os Sete contra Tebas* de Ésquilo narra o agón (o combate) e, conseqüentemente, a morte dos dois irmãos. É no final desta peça, com a proibição de sepultar o corpo de Polínices, que Antígona, com grande determinação, resolve sepultar sozi-

nha o corpo do irmão.

É a partir deste ato que Sófocles inicia a sua tragédia através do prólogo, que é dialogado (característica das peças de Sófocles), onde Antígona conta a sua irmã Ismênia a decisão tomada por seu tio Creonte, agora governante de Tebas, de sepultar Etéocles com todas as honras fúnebres e de deixar Polínices, o atacante, insepulto, à mercê das feras e das aves de rapina. É diante desta última decisão que Antígona é contra, pedindo, então, ajuda a sua irmã.

Ismênia, entretanto, se recusa temendo ser castigada por transgredir as leis da cidade (da polis).

ISMÊNIA: “Eu não faço nada que não seja honroso, mas sou incapaz de atuar contra o poder da cidade.v. 79

Diante da recusa da irmã, Antígona resolve agir sozinha.

ANTÍGONA: “Podes apresentar essas desculpas, que eu por mim vou erguer um túmulo ao meu irmão tão querido.”v. 80

Logo após o diálogo das irmãs, aparece em cena Creonte expondo aos representantes da cidade, estes interpretados pelo Coro, seu programa de governo e o decreto de sepultar Etéocles e deixar insepulto o corpo de Polínices. É nesse momento que chega um guarda e diz, aterrorizado, que alguém havia desobedecido as ordens reais, cobrindo com uma camada de pó o cadáver de Polínices. Creonte irritado, dispensa o guarda sob ameaças terríveis, caso não lhe trouxer o culpado por tal desrespeito.

Em seguida, o Coro entoa um dos trechos mais célebres de todos os tempos, que exalta a capacidade do homem de se organizar em sociedade, embora necessite saber observar e respeitar simultaneamente as leis divinas e as leis humanas.

CORO: “Muitos prodígios há; porém nenhum maior do que o homem. (...) Da sua arte o engenho sutil para além do que se espera, ora o leva ao bem, ora ao mal; se da terra preza as leis e dos deuses na justiça faz fé, grande é a cidade; mas logo a perde quem por audácia incorre no erro. Longe do meu lar o que assim for! E longe esteja dos meus pensamentos o homem que tal crime perpetrar.” vv. 332 a 378

Após este longo estásimo, o guarda reaparece trazendo a pessoa que fôra surpreendida em flagrante delito prestando os ritos fúnebres a

Polinices – a indefesa Antígona. É nesse momento, que Antígona, em um discurso emocionado e pungente, defende o seu procedimento, colocando a obediência às leis eternas e imutáveis dos deuses acima das determinações humanas.

ANTÍGONA: “É que essas não foi Zeus que as promulgou, nem a Justiça, que coabita com deuses infernais, estabeleceu tais leis para os homens. E eu entendi que os teus éditos não tinham tal poder, que um mortal pudesse sobrelevar os preceitos, não escritos, mas imutáveis aos deuses. Porque esses não são de agora, nem de ontem, mas vigoram sempre, e ninguém sabe quando surgiram. Por causa das tuas leis (as de Creonte), não queria eu ser castigada perante os deuses, por Ter temido a decisão de um homem. Eu já sabia que havia de morrer um dia – como havia de ignorá-lo? –, mesmo que não tivesses proclamado esse édito. E, se morrer antes do tempo, direi que isso é uma vantagem. Quem vive no meio de tantas calamidades, como eu, como não há de considerar a morte um benefício? E assim, é dor que nada vale tocar-me este destino. Se eu sofresse que o cadáver do filho morto da minha mãe ficasse insepulto, doer-me-ia. Isto, porém, não me causa dor. E se agora te parecer que cometi um ato de loucura, talvez louco seja aquele que como tal me condena.” vv. 450 a 471

Diante destes versos, observa-se uma mulher defensora dos seus princípios, resoluto, dedicada e fiel aos seus deveres para com as leis eternas e divinas, mesmo que o preço final seja sua própria vida.

Antígona ao desobedecer as leis da pólis por acreditar que as leis divinas prevalecem sobre as dos mortais, atinge um “status” moral que a eleva e a singulariza entre as figuras trágicas da história do teatro.

Cabe aqui ressaltar as palavras de Hegel que diz: “Sófocles leva aos píncaros a oposição entre a vida ética em sua universalidade social e a família como a esfera natural das relações morais. Tal é o conflito brilhantemente ilustrado na *Antígona*, entre bondades opostas, cuja única jaça é que cada um exige a sujeição incondicional do outro.”.

Não obstante, porém, devemos observar que Antígona não é apenas a heroína convicta, que defende com a própria vida a sua raça, o seu genos; pelo contrário, ela é uma figura extremamente humana, que sofre quando decide abandonar a vida em pleno vigor de sua juventude e a espe-

rança do amor correspondido (Hêmon, o filho único de Creonte), e que encara o seu destino final com crescente pavor.

ANTÍGONA: “Sem lágrimas, sem amigos, sem himeneu, desgraçada, pelo caminho que me espera sou levada. Da luz o disco sagrado não posso mais, infeliz, contemplar. A minha sorte, sem pranto, amigo algum a lamenta.”vv. 876-882

Estas são as últimas palavras de Antígona ao sair do palácio rumo ao seu destino fatal. Percebe-se, assim, que todo aquele discurso anterior, onde aparece resoluta e irreversível em sua decisão, dá lugar a uma figura frágil, com medo, sozinha, humana.

É essa ambigüidade de caráter que eleva a personagem Antígona, pois ao mesmo tempo que luta por uma convicção ela se sente perdida na própria convicção. Ao mesmo tempo que defende a sua estirpe e morre por ela, fica triste por não poder se casar e, assim, continuar a perpetuar o seu genos.

Porém, devemos olhar Antígona não como a “jovem contestadora”, mas a Antígona philía, que amou a sua raça tão desgraçada; que por amor ao seu irmão, seu sangue, transgrediu a lei da pólis e foi castigada com a morte, aquela que amou Hêmon e por ele foi correspondida, aquela que “*Não nasceu para odiar, mas sim para amar.*” V.523

BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO, Junito de Souza. *Teatro Grego: tragédia e comédia*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- FEREZ, J. A. Lopez. *Historia de la Literatura Griega*. Madrid, Gredos, 1973.
- ROMILLY, Jacqueline. *La tragédie grecque*. Paris: 1973.
- SÓFOCLES. *Antígona*. Trad. J. B. Mello e Souza. Rio de Janeiro: Ediouro, 1983.
- VERNANT, Jean-Pierre; NAQUET, Pierre Vidal. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. São Paulo: Perspectiva, 1999.